



JESUÍTA BRASIL

Cadernos

IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 347 | vol. 21 | 2023

João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990)

Marcelo de Azevedo Zanotti

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 347 | vol. 21 | 2023

**João Saldanha: um comunista
na seleção brasileira de futebol
durante o governo militar.
Da ditadura à redemocratização.
Futebol na sociedade como
fator democrático (1966-1990)**

Marcelo de Azevedo Zanotti

Graduando em História pela Universidade do Vale
do Rio dos Sinos Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXI – Nº 347 – V. 21 – 2023

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Wikipedia

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990)

Marcelo de Azevedo Zanotti

RESUMO: João Alves Jobim Saldanha nasceu em Alegrete, no dia 3 de julho de 1917. O guri gaúcho que chegava ao Rio de Janeiro na adolescência era um apaixonado por futebol. Entretanto, ao contrário da maioria dos boleiros de sua geração, não se enclausurava na bolha das quatro linhas. Culto, politizado e combativo, tornar-se-ia não somente um esforçado jogador que passou pelas categorias de base do Botafogo e, mais tarde, se tornaria técnico da Seleção Brasileira, mas também um ferrenho militante do Partido Comunista Brasileiro – PCB, opositor do regime militar no país. No decorrer de meses de leituras e intervenções práticas, foram recolhidos materiais de ordem bibliográfica, oral e jornalística, alinhavados e sistematizados na troca de passes entre a arte do futebol brasileiro e seus poderes políticos durante a ditadura civil militar (1964-1989). A abordagem enfoca especificamente o período que contempla da Copa do Mundo de 1966 na In-

glaterra até 1990. Para tal, analisa a figura do jornalista, técnico e dirigente do PCB João Saldanha e a sua participação na montagem da Seleção, campeã da Copa do Mundo de 1970, no México; além, claro, da trajetória do futebol na luta democrática pelas diretas já.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Ditadura militar. João Saldanha.

João Saldanha: a communist in the Brazilian National Team during the military government. From dictatorship to redemocratization. Soccer as a democratic factor in society (1966-1990)

Marcelo de Azevedo Zanotti

ABSTRACT: João Alves Jobim Saldanha was born in Alegrete, on July 3, 1917. The boy from Rio Grande do Sul who arrived in Rio de Janeiro as a teenager was passionate about football. However, unlike most ballers of his generation, he did not shut himself up in the bubble of four lines. Cultivated, politicized and combative, he would become not only a hard-working player who passed through Botafogo's base categories and, later, would become the coach of the Brazilian team, but also a staunch militant of the Brazilian Communist Party – BCP, opponent of the military regime in the country. During months of readings and practical interventions, bibliographical, oral and journalistic materials were collected, stitched and systematized in the exchange of passes between the art of Brazilian football and its political powers during the military civil dicta-

torship (1964-1989). The approach focuses specifically on the period that contemplates the 1966 World Cup in England until 1990. To this end, the figure of the journalist, technician and leader of the BCP João Saldanha and his participation in the assembly of the selection is analyzed. Brazilian, champion of the 1970 World Cup, in Mexico; besides, of course, the trajectory of football in the democratic struggle for the directives already.

KEYWORDS: Soccer. Military dictatorship. João Saldanha.

João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990)

Marcelo de Azevedo Zanotti

Graduando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

I INTRODUÇÃO

A utilização do esporte para a conquista de apoio político junto ao povo foi um expediente comum a diversos países durante o século XX. Talvez os exemplos mais famosos desta prática tenham sido os Jogos Olímpicos de 1936, realizados em Berlim durante o regime nazista, mas também podem ser mencionados os usos feitos por Cuba, União Soviética, Itália, África do Sul, entre outros países. Na América do Sul, há dois grandes exemplos da utilização do esporte com fins políticos: o caso argentino, com a Copa de 1978, e o caso brasileiro, com a de 1970. A grande diferença entre estes dois casos é que o país platino, naquela ocasião, foi o anfitrião de uma Copa do Mundo. A grande

semelhança é que tanto a Argentina, em 1978, quanto o Brasil, em 1970, viviam sob regimes militares.

Há de se crer, tal qual diz Paulo Freire, que é sempre mais adequado deixar para o leitor o preenchimento de lacunas de quadros propositalmente inacabados, nos quais as linhas pontilhadas já indicam o roteiro dos sentidos ditos e reditos. Para isso, no sentido mesmo do rigor metodológico, nada melhor do que uma bela colcha de retalhos. E quanto à possibilidade mencionada de o texto ser lido sem uma ordem rígida, seria de fato uma grande alegria, caso se consiga imprimir ao texto essa qualidade e leveza, embora não se tenha tal pretensão.

Para poder narrar parte da história do futebol no Brasil e das decisões que culminaram na Copa de 1970, mais precisamente nos anos em que a linha dura do regime militar massificou a repressão, foi escolhido focar na história do “comentarista que o Brasil inteiro consagrou”, como dizia o narrador de futebol Jorge Cury, João Saldanha. Em sua figura, Saldanha resume o que foi o futebol no período da ditadura civil militar (1964-1989): uma estratégia de manipulação que saiu pela culatra.

De crônicas, letras de canções, romances, poemas, matérias de jornal, desembarcando na história em artigos, trabalhos de conclusão e outros materiais teóricos, Eric Hobsbawm (1995) traçou panoramas instigantes sobre assuntos aparentemente distanciados e dispersos, mas com sólidos vínculos conceituais e interpretativos. Assim, entende-se que o método mais adequado para a apresentação de hipóteses sobre assuntos como o futebol foi exaustivamente trabalhado por Hobsbawm, manejando um quase imperceptível fio condu-

tor, costurando questões metodológicas ao longo de seções pinçadas de períodos e regiões sem vizinhança cronológica e fronteiriça.

Hobsbawm (2001) adentra temas como a classe operária na transição dos séculos XIX para o XX; os camponeses no século XX; como o Bandido Giuliano e o jazz em Nova Orleans no pós-1930, “como um dos poucos desdobramentos no âmbito das artes maiores totalmente originado no cotidiano das pessoas pobres”. No prefácio de seu livro, o autor britânico resalta a singularidade das opções de seus caminhos metodológicos, em cujas vielas essa pesquisa transita cuidadosamente.

Os objetivos desta introdução¹ estão voltados para a busca de pistas como aquelas encontradas pelo autor de *A era das revoluções*, vislumbrando uma unidade conceitual entre temas cujos interesses centrais elucidam as hipóteses. Mesmo que não estejam, como via de regra requer e exige a academia, circunscritos ou até mesmo confinados a uma ou duas décadas, duas ou três cidades ou bairros e ruas metropolitanas.

Um tema como o futebol brasileiro envolvendo um personagem exímio desta arte popular deve ter sob mira e alcance permanente certos aspectos mencionados por Hobsbawm ao discorrer sobre a história social: “O historiador das ideias pode (por sua conta e risco) não dar a mínima para a economia, e o historiador econômico não dar a mínima para Shakespeare, mas o historiador social que negligencia um dos dois não irá muito longe” (HOBSBAWM, 2001, p. 158).

1 Trabalho de conclusão de curso sob orientação da Prof^a. Dr^a. Marluza Marques Harres. Professora titular do PPG e da graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

A história tem, na linguagem estética, escrita e oral, fontes de mediação e pesquisa para a investigação do homem na definição de seus destinos, mesmo com as limitações dos balizamentos estruturais. Já se disse que toda história é história contemporânea disfarçada, como também que a opção da neutralidade no ofício do historiador deságua inevitavelmente em um estuário de floreios analítico-parnasianos (HOBSBAWM, 2001).

Isso pode ser percebido através das previsões feitas pelos chamados “desapaixonados”, elas estão plenas de inutilidades, de minúcias sutis, de elegâncias conjecturais. Só a existência, em quem “prevê”, de um programa a realizar faz com que ele se atenha ao essencial (HOBSBAWM, 1995). Entre as estatísticas e o “encantamento” necessários, há uma história social do futebol. Não perdendo de vista o diálogo possível entre as fontes primárias e a ficção, entre a realidade dos contadores de histórias (boleiros e peladeiros) e os textos jornalísticos e acadêmicos.

Nelson Rodrigues realçou reiteradamente a importância desses pontos para o desvendar dos mistérios do futebol e da própria vida:

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que “futebol é a bola”. Não há juízo mais inexacto, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito - retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num corner bem ou mal batido, há um toque evidentiíssimo do sobrenatural. Eu diria ao ilustre confrade ainda o seguinte: em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola. (RODRIGUES, 1993, p. 47)

E voltando a Hobsbawm, podemos abrir aspas para este seu diálogo inaudito com Nelson Rodrigues, dois autores de campos distintos do conhecimento, apaixonados por futebol:

Mas os aspectos sociais ou societários da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos do seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização. Não podem ser separados, mais que por um momento, dos modos pelos quais os homens obtêm seu sustento e seu ambiente material. Nem por um só momento pode ser separados das suas ideias, já que suas mútuas relações são expressas e formuladas em linguagem que implica conceitos no momento em que abrem a boca. (HOBSBAWM, 1995, p. 78)

A abordagem do presente ensaio se deterá na relação crônica-história que, analisada por autores como Eric Hobsbawm, Nelson Rodrigues, Mario Filho e o próprio João Saldanha, aponta caminhos, visualiza o fio tênue desta fronteira transpassada de gêneros e abordagens. Considerando a trajetória esportiva e política de João Saldanha, torna-se necessário voltar à Zona do Agrião (SALDANHA, 1966), conceito rico e abrangente, metáfora do futebol enquanto um todo, que mostra na tensão do jogo a luta constante de uma gangorra entre a disciplina desejada e a pelada praticada, no mesmo espaço e no mesmo tempo. Aí, não só no primeiro tempo, mas também no segundo e nas suas prorrogações infundáveis.

Saldanha (1966, p. 22) vai mais fundo na abrangência da Zona do Agrião:

Ali é a entrada da área. Parte-se de uma concepção biológica, que seres da mesma espécie se agrupam para se defender de seres de outras espécies. E o agrião é uma planta

desgraçada. Se você pega um canteiro e planta agrião, ele vai e engole as outras plantas. Então na entrada da área você tem que agir como agrião.

Dividido em duas partes, o presente texto busca traçar esses paradigmas sociais da história do Brasil militar dentro da figura de João Saldanha. Do personagem, percorrer-se-ão as trilhas que o levaram até o comando da Seleção, sua queda dias antes do embarque da seleção para o México e os atritos com o general Emílio Garrastazu Médici, então presidente da república.

Posteriormente, será tratado do papel fundamental do futebol, e concomitantemente de Saldanha, para o reestabelecimento da democracia. Influenciado por figuras como Dori Kürschner, Neném Prancha e Nelson Rodrigues, tendo como coadjuvantes os seus grandes jogadores: de Sócrates a Wladimir, passando por Didi, Garrincha e Tostão.

II JOÃO SALDANHA E A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

A curta carreira nos gramados fez com que João Saldanha logo partisse para outro ramo em que pudesse se dedicar a sua paixão. Virou jornalista. Rapidamente se consolidou como um dos principais analistas de futebol do Brasil. Enxergava tão bem o jogo que muita gente começou a questionar se ele não seria mais competente que boa parte dos técnicos que criticava com propriedade. Tanto que o Botafogo levou a história a sério e o contratou como treinador em 1957. Embora inexperiente na função, estreou com a conquista do Campeonato Carioca e ficou no cargo por dois anos.

Voltou ao jornalismo ostentando a mesma acidez nos comentários. Tinha posições firmes e, por vezes, intransigentes, como o preconceito com jogadores cabeludos e Black Powers. Entendia que a cabeleira atrapalhava a visão do atleta e amortecia a bola na hora do cabeceio. De qualquer forma, a cada dia se consolidava como a maior autoridade no esporte nacional. Nenhuma voz era tão respeitada quanto a sua no que dizia respeito à Seleção Brasileira, sobretudo depois do estrondoso fiasco na Copa do Mundo de 1966.

Em fevereiro de 1969, a Confederação Brasileira de Desportos – CBD, atual CBF, surpreendeu ao anunciar Saldanha como o novo técnico da seleção. Alinhada ao regime militar por meio da Comissão de Desportos do Exército, a CBD, mesmo ciente da militância de esquerda do jornalista, resolveu apostar em seu nome na tentativa de sufocar a forte crítica da imprensa que recaía sobre o escrete nacional. Com o discurso de montar um “time de feras”, ele aceitou o convite e convocou os melhores jogadores do país em atividade. Sob seu comando, craques como Pelé, Tostão, Gerson e Dirceu Lopes empilharam uma sequência de seis vitórias em seis jogos nas Eliminatórias e carimbaram o passaporte do Brasil para a Copa, resgatando o orgulho dos torcedores pela seleção.

Militante comunista, jornalista e técnico de futebol, João Saldanha foi o responsável pela classificação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1970. Na época, bateu de frente com a ditadura, recusando-se a convocar o atacante Dario, o Dadá Maravilha, do Atlético Mineiro, como defendeu o general Emílio Garrastazu Médici, então presidente do Brasil.

Polêmico e carismático, João Saldanha era um ho-

mem de muitas facetas e um personagem único, ganhando do dramaturgo Nelson Rodrigues a alcunha de “João sem medo”.

SALDANHA E A COPA DE 1966

A Copa do Mundo de 1966 reviveu a presença do autoritário e da clientela no futebol brasileiro, ainda que desta vez sem interferência direta do regime militar. Os responsáveis pela seleção, sob o comando de Vicente Feola, convocaram 44 jogadores, escalaram quatro times, rodando todo o país na fase preparatória. A seleção chegou à Inglaterra sem uma formação definida. Resultado: eliminação na primeira etapa.

Para se ter uma ideia, na última lista de jogadores para a Copa, estavam Pelé, Jairzinho, Brito, Gérson, Tostão e Edu, todos campeões em 1970. Este grupo, com Silva, Rildo e mais três, entrosados, certamente chegaria mais longe na competição. Afinal, tínhamos a base da seleção em 1970, quatro anos mais jovem, além de craques consagrados. Faltaram definição e comando, com a comissão técnica apostando em nomes já em fim de carreira, como Mané Garrincha e Gilmar dos Santos Neves, em detrimento a novos talentos como Jairzinho e Manga.

Uma vitória de 2 a 0 sobre a Bulgária e duas derrotas contra Hungria e Portugal. As crônicas de João Saldanha conseguiram captar, desde a fase preparatória de treinamentos da Seleção, com precisão, o que viria a acontecer. Denunciou, com veemência, o circo montado pela Comissão Técnica. O seu trabalho no jornal *Última Hora* e na *Rádio Guanabara* repercutiu amplamente. Em “Missa de mês”, crônica publicada pelo jornal *Últi-*

ma *Hora* em 22 de agosto de 1966, João faz um balanço da Copa da Inglaterra, batendo na tecla da indefinição do time. Da necessidade do conjunto no futebol. Era uma prévia de 1969, quando assumiu a seleção e escalou de saída os 22 (SALDANHA, 1966).

PÓS-COPA DE 1966 E CONVITE INESPERADO

Após o fracasso da seleção brasileira na Copa de 1966, o regime militar entra em atrito com a CBD. João Havelange, presidente da entidade, monta uma estrutura artesanal, através da criação da Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), delegando a Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação brasileira nas copas de 1958 e 1962, seu comando.

Paulo Machado de Carvalho define Aimoré Moreira, técnico campeão em 1962, como técnico de campo, montando uma comissão técnica provisória, que, longe de ser militarizada (apenas no discurso), não tinha sequer atribuições estabelecidas. A Cosena reproduz, em uma excursão da Seleção à Europa, os mesmos equívocos da Copa da Inglaterra. Com resultados negativos, Havelange, pressionado por todos os lados, desmonta a Cosena e propõe, como forma de desafio, a João Saldanha, o maior crítico da CBD, assumir o lugar de Aimoré Moreira. Editorial publicado no jornal *Última Hora*, em 7 de fevereiro de 1969, escrito pelo jornalista Jacinto de Thormes:

João Havelange, no olho do furacão de uma crise que estava pondo em risco seu próprio cargo, diante de “uma ausência de hegemonia técnica” no futebol brasileiro, ausência de credibilidade, espécie de bonapartismo cultural-futebolístico, aposta alto e arriscado, conversa com Antônio do Passo (seu braço

direito) e, batendo o martelo, lhe diz: “convida o João”. Obediente, Passo cumpre a missão prontamente e escuta um “topo” como resposta. Saldanha define os times, titular e reserva, no momento em que é anunciada sua escolha. Os onze titulares: Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Brito, Rildo, Wilson Piazza, Gérson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Tostão. Os 11 reservas: Cláudio, Zé Maria, Scalla, Joel, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Paulo Borges, Toninho, Rivelino e Edu. (THORMES, 1969, p. 9)

Com a necessidade de resgatar a autoestima dos jogadores e da torcida brasileira, Saldanha criou a figura das feras. Afirmou que era preciso “desafrescalhar” aquela história de “Seleção canarinho” e que gostaria de ter em campo 11 craques, 11 feras. “De todas as feras”, dizia, “o homem é a mais perigosa, portanto, eu não quero nenhum mocinho no meu time. Convoco o jogador para defender a Seleção, não para casar-se com a minha filha” (SALDANHA, 1969, p. 9). Seguindo esta pista, o povo e a imprensa cunharam a expressão e batizaram o time como “As feras do Saldanha”.

A COMISSÃO TÉCNICA MILITAR DE JOÃO SALDANHA

Depois do pioneirismo da Comissão Técnica de 1958, é montada, pela primeira vez na história do futebol brasileiro, uma delegação, de fato, profissional: Cláudio Coutinho (capitão do Exército), Admildo Chirrol e Carlos Alberto Parreira, formados na escola superior do exército, na preparação física, os médicos Lídio Toledo e Mário Pompeu.

O planejamento e a adaptação à altitude, tanto nas eliminatórias (jogo contra a Colômbia em Bogotá)

quanto para a Copa do Mundo, foram montados pelo professor Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha Brasileira, com um estudo inovador que veio a ser um dos principais trunfos da Seleção na conquista do tricampeonato.

Na Seleção Brasileira, da mesma forma que fez no Botafogo em 1957, nas atividades clandestinas do PCB, Saldanha não titubeou em escolher os profissionais mais capacitados para a composição da comissão técnica, mesmo que alguns deles fossem claramente vinculados ao regime militar. Errou apenas em não reforçar sua retaguarda com profissionais de sua confiança pessoal.

Os opositores internos, articulados a pressões externas, minavam por todos os lados o relacionamento do técnico João Saldanha com quem quer que fosse. O professor Lamartine Pereira da Costa é bastante claro quando, em entrevista à *Revista da PUCRS*, nº 129, maio/junho de 2006, afirma:

Fui contatado para planejar a adaptação aos sítios de altitude no México. Nas Olimpíadas de 1968 pertenci a um grupo de pesquisadores na Cidade do México e conhecia o tema. João Saldanha, que assumiu o treinamento da seleção antes do Zagallo, procurou-me. Pela primeira vez no futebol brasileiro houve essa dimensão. Acredita-se muito nos jogadores do País. Pensa-se que eles são absolutos. Naquela Seleção havia até o Pelé. Contribuí nos aspectos da radiação solar e rarefação do ar para que a performance melhorasse. Fiz algumas simulações por computador, o que não era muito comum. Também sugeri aclimação de 21 dias no México. O Zagallo quis acabar com isso, mas o Saldanha disse que iria nos levar à derrota. Ficaram com medo e mantiveram o programa. Ganhamos todos os

jogos no segundo tempo. Os jogadores falavam nas entrevistas que se sentiram melhor. Era efeito da preparação. (COSTA, 2006, p. 24)

Havia também a disposição do selecionado, Lamartine Pereira da Costa, Claudio Coutinho, Chirol, Parreira, toda uma equipe voltada para uma avaliação e planejamento da preparação física da Seleção. Antes do jogo contra a Colômbia, em Bogotá, na primeira rodada das eliminatórias, João Saldanha, atento às ponderações de Lamartine, planeja junto com a comissão técnica para chegar à capital colombiana três semanas antes da partida. Para a adaptação à altitude. Deu certo, o time voou em campo e venceu por 2 a 0, dois gols de Tostão.

Vários pesquisadores da área da história do futebol associam este planejamento à entrada de Zagallo na Seleção. Mas, após uma leitura rápida nos jornais da época, dá para entender o que aconteceu. Saldanha, nas pegadas de Dori Kürschner, não mediu esforços e nem se prendeu a mesquinhas, chamando pessoas que não conhecia, por exclusivo mérito e competência profissional. Depois dessa experiência, em diversas ocasiões exaltou a competência de Lamartine e da comissão técnica. Escreveu inúmeras crônicas a este respeito. A recíproca nunca foi verdadeira. Após seu falecimento, começaram a chegar críticas de todos os lados, inclusive de seu sucessor, Zagallo.

TRAJETÓRIA DE JOÃO SALDANHA NA SELEÇÃO BRASILEIRA

No quesito defesa, desde os primeiros amistosos, Saldanha procura fugir da linha de quatro za-

gueiros, adotando o líbero flexível em contraposição ao líbero italiano. “Djalma Dias ou Brito podem desempenhar essa posição”, dizia João. “Outro que é versátil e é um grande craque é o Piazza, jogando o fino no meio-campo, podendo ser escalado até de zagueiro plantado. No meio campo e no ataque, temos o que há de melhor no mundo, é só esperar e ver” (SALDANHA, 1969, p. 9).

O primeiro amistoso no Brasil foi contra o Peru, no dia 7 de abril de 1969, em Porto Alegre, no estádio Beira-Rio. Saldanha escala o time de feras que anunciara em sua primeira coletiva como técnico. Vitória do Brasil por 2 a 1, gols de Jairzinho e Gérson, e um de Gallardo para o Peru. Em 7 de abril de 1969, o jornal *Folha de S.Paulo* circula com a matéria “Teoria de Saldanha vai entrar em campo”, analisando o esquema tático para os dois primeiros jogos contra o Peru (LAURENCE, 1969).

O jornal mostra que a Seleção formará um 4-3-3 diferenciado, flexível. Na defesa, Brito atuará como “zagueiro de espera”, uma espécie de líbero, só que sem função estática, podendo ser exercido por outro jogador, dependendo da jogada. No meio de campo, Piazza ficará encarregado de dar cobertura à defesa e, quando tiver a posse de bola, terá que encostar nos armadores Gérson e Dirceu, a não ser que um dos laterais esteja avançando.

No ataque, Pelé vai jogar como sempre e os pontas Tostão e Jair vão cair pelo meio em determinadas jogadas. A chave do Brasil para as eliminatórias apontava como adversários: Colômbia, Venezuela e Paraguai, em jogos de ida e volta. Foram seis jogos e seis vitórias, em que o Brasil marcou 23 gols e sofreu dois. Uma consagrada média de 3,83 gols a favor e 0,33 contra, por

partida. Tostão foi o artilheiro do Brasil, com dez gols.

Saldanha manteve praticamente o mesmo time durante os seis jogos das eliminatórias. As substituições obedeceram a variações do desenvolvimento tático dos jogos e a pequenas contusões. Mudanças mais importantes ocorreram somente no início de 1970. O segundo jogo contra a Venezuela, no dia 10 de agosto, em Caracas, foi fácil: 5 a 0. Três gols de Tostão e dois de Pelé. Nesta partida, durante o primeiro tempo, o time passeou em campo de sapato alto. Indo para o intervalo com o placar em branco.

A diferença técnica entre as duas Seleções era muito grande, o que apontava para uma vitória de goleada do Brasil. Só que o time não conseguiu se encontrar no primeiro tempo, jogou um futebol abaixo de suas possibilidades e, por isso, a expectativa de muitos gols se viu frustrada no 0 a 0 com que o jogo se encerrou no primeiro tempo. À beira do campo, furioso com a atuação da equipe, João Saldanha esperava impaciente que os jogadores se dirigissem ao vestiário. Quando isso aconteceu, encontraram a porta fechada, as chaves estavam nas mãos de Saldanha, que foi logo gritando: “Não vou dar instrução nenhuma. Para jogar esse futebolzinho que vocês jogaram, nem adianta. Voltem lá e façam o que vocês sabem!”

Os jogadores reagiram. Argumentando que precisavam beber água, utilizar o banheiro, insistiram para Saldanha abrir o vestiário, ao que ele enfaticamente expressou: “Não tem água, não tem nada! No vestiário ninguém entra, ninguém sai até a volta.”

O time voltou direto para o campo, como confirmou o capitão Carlos Alberto Torres em entrevista

ao programa “Zico na área”, da TV Esporte Interativo: “Ele não abriu mesmo, apesar dos pedidos. Ainda disse que os venezuelanos não jogavam nada e que a gente tinha obrigação de vencer por goleada.” Gerson complementou dizendo: “Pois é, fomos lá e fizemos cinco nos caras.”

A QUEDA DE JOÃO SALDANHA

Encerradas as eliminatórias, com o Brasil classificado, no início de 1970 a Seleção retoma a sua preparação. Dando continuidade aos treinamentos para a Copa do Mundo, Saldanha dirige o time em dois amistosos contra a Argentina. No primeiro, em 4 de março de 1970, no Estádio Beira-Rio, a Seleção esteve irreconhecível, perdendo por 2 a 0. João, em declaração no dia seguinte para o jornal *O Globo*, foi taxativo:

Penso que a vantagem de dois gols foi normal numa partida de domínio nítido. Fica secundária a maneira como os gols aconteceram. De qualquer maneira deve ter sido grata aos torcedores brasileiros a atuação de dois estrepantes: Ado (goleiro) e Marco Antônio (lateral esquerdo), exatamente em duas posições que há muito vem preocupando todos nós. O mais importante é que eles apareceram bem, numa partida desfavorável. Finalizando, acrescento que com 4-2-4 (que me desculpem os senhores Abílio de Almeida, Zezé Desiderati e demais dirigentes do clube), não dá para ganhar nem do São Cristóvão. (SALDANHA, 1970, p. 18)

Na véspera do jogo contra a Argentina em Porto Alegre, um repórter da então TV Gaúcha, atual RBS TV, de microfone em punho, pergunta a Saldanha se ele sabia que o general Emilio Médici pediria a convocação de Dario, centroavante então no Atlético-MG, ou melhor, que o presidente exigia a convocação de Dario.

A resposta de João Saldanha se tornou uma das maiores pérolas de todos os tempos da história do futebol nacional: “Eu e o presidente temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos, somos gremistas, e ele não escala a Seleção nem eu escalo ministério. Para você ver como a gente se entende” (SALDANHA, 1970, p. 22).

No segundo jogo contra a Argentina, em de março de 1970, no Maracanã, vitória do Brasil por 2 a 1. Após o jogo, destacando a atuação do time, Saldanha declarou que o Brasil vencera facilmente por 2 a 1. Em crônica publicada no *O Globo*, João realçou as atuações de Brito e Fontana, Carlos Alberto e Gérson, destacando o fato de Pelé ter jogado debilitado por uma gripe e, ainda assim, com a marca do gênio, feito um golaço, o gol da vitória (SALDANHA, 1970).

Percebendo que após a resistência na convocação de Dario, sua demissão era questão de dias, João aceita convite das Organizações Globo para voltar à imprensa esportiva. Rádio, jornal e televisão. Essa decisão motivou reações, pois o técnico quando assumira a Seleção se desligou de seus empregos na imprensa. “Quando vi que o prato estava fervendo, e recebi o convite da *Globo*, não pude deixar de aceitar, pois não posso viver sem trabalhar” (SALDANHA, 1970, p. 22).

Neste meio tempo, com os nervos à flor da pele devido à pressão que faziam em cima de sua figura, pávio curto como era, mordeu a isca do então técnico do Flamengo, o rabugento Yustrich, que o agredira verbalmente em diversas ocasiões pelos meios de comunicação. João, de revólver em punho, invade a concentração do Flamengo para tomar satisfações, sem encontrar o desafeto (SILVA, 1970).

A miopia de Pelé

No início de 1970, João Saldanha afirmou que Pelé deveria ser míope, solicitando uma ampla bateria de exames para o jogador aos médicos da Seleção. Chegou a afirmar que em alguns lances Pelé errara por problemas de visão. O mundo caiu sobre a cabeça do técnico. É preciso nesse ponto esclarecer outro fato: João nunca pretendeu barrar Pelé.

Segundo entrevista que deu para o programa “Roda Viva”, da TV Cultura de São Paulo, ao contrário do que muitos afirmam, nunca disse que o atleta estava cego. Pretendia, apenas, melhorar a condição física do grande craque. Em 24 de abril de 2004, o jornal *O Globo* publicou uma matéria com o título “A miopia que João Saldanha anteviu: médicos confirmam que Pelé tinha problema de vista. Ídolo deixa o hospital” (FIGUEIREDO, 2004, p. 30).

Pressionado por todos os lados, João desmentiu o que havia dito sobre a miopia de Pelé, fez a história tomar proporções de boicote contra o rei do futebol e forneceu ao regime o pretexto final tão desejado para sua demissão. Afinal, era inadmissível um comunista insubordinável no comando da Seleção. Mas essa é uma questão menor, que vem sendo, ao longo dos anos, utilizada como o motivo principal da demissão de Saldanha, jogando uma cortina de fumaça nos desmandos da ditadura militar, transformando Médici em simpatizante do técnico comunista, escondendo os porões da ditadura, onde foram torturados e assassinados companheiros e amigos de João, que mesmo na seleção não deixou de fazer reuniões do PCB em seu apartamento e que, em todas as viagens internacionais,

fazia denúncias seríssimas contra o governo brasileiro.

Dia 17 de março, logo após o treino no Rio de Janeiro, Saldanha anunciava a escalação de seu time para o próximo amistoso, desta vez contra o Chile, no Morumbi. O desfecho foi o seguinte: João Havelange convida toda a comissão técnica para uma reunião na sede da CBD, quando anunciou que a comissão técnica estava dissolvida. Saldanha protestou: “Não sou sorvete para ser dissolvido, o senhor quer dizer que eu estou demitido?” (SALDANHA, 1970, p. 18). Estava. Na verdade, apenas João e Russo foram mandados embora, enquanto os demais foram poupados. Após isso, publica a crônica “A fala do ministro”, no *Jornal O Globo*, no dia 24 de março de 1970 (SALDANHA, 1970).

III ATUAÇÃO POLÍTICA DE JOÃO SALDANHA PÓS-COPA DE 1970

Em março de 1971, quando quase todo o Comitê Estadual do PCB do então estado da Guanabara já havia sido preso, Luiz Carlos Prestes, presidente nacional da sigla clandestina, exilou-se na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) por determinação do Comitê Central (CC) do partido. Em 1973, pelas mesmas razões de segurança, um terço dos membros do CC deixou o Brasil. O Exército iniciou a Operação Radar, visando o extermínio do partido (SALDANHA, 1987).

Em 1975, toda a Comissão Executiva do CC foi para o exílio. Neste período, em várias ocasiões Saldanha aproveitou as viagens ao exterior, no exercício da profissão, para servir de elemento de ligação (SALDANHA, 1987). Em maio de 1978, o PCB fundou uma entidade legal com a finalidade de apoiar as várias

frentes de luta contra a ditadura. Chamou-se Centro Brasil Democrático (Cebrade), presidido por Oscar Niemeyer. Saldanha integrou sua primeira diretoria (SALDANHA, 1987).

Em julho de 1979, João atuou no famoso programa “Abertura”, da TV Tupi. Logo na estreia, ele provocou reações ao defender a anistia, conquistada no mês seguinte. Os exilados não tardariam a retornar. Em outubro, o Cebrade formou uma comissão de recepção que mobilizou delegações do PCB de vários estados. Saldanha foi o encarregado de organizar o “esquema de segurança” de Prestes. Em 20 de outubro, desembarcaram no Galeão, procedentes de Paris, Prestes, Anita Leocádia (filha de Prestes e Olga Benário) e Gregório Bezerra (consagrado dirigente comunista e participante da Aliança Nacional Libertadora, ANL, durante a intentona de 1935). Por algum tempo, Prestes residiu no apartamento de Saldanha, na Rua Almirante Guilherme (SALDANHA, 1987).

De fato, o apartamento revelou-se inadequado para servir de residência e base de atuação de um secretário-geral recém-chegado de um exílio de oito anos e sem um centavo no bolso. Saldanha soube que havia vagado um apartamento na Rua Francisco Otaviano, em frente ao Parque Garota de Ipanema. Então, decidiu se mudar, mas alegou para Prestes que era para ele ficar mais à vontade. Entretanto, em novembro João convidou Gregório Bezerra para morar com ele e sua mulher (SALDANHA, 1987). Em 30 de abril de 1981, o Cebrade promoveu no Riocentro o “Show do 1º de maio”, de cuja organização Saldanha participou, a ditadura vinha empreendendo ações terroristas desde janeiro de 1980. Essa escalada culminou precisamente no show, quando falhou o atentado organizado pelo DOI

I (MANNARINO, 2006). O I Exército atribuiu a morte do terrorista a “um atentado terrorista” da esquerda. No dia seguinte, no Campo de São Cristóvão, os sindicatos, com o apoio dos partidos legais (PT, PDT, PMDB e PTB) e de muitas outras organizações, capitanearam o Ato do 1º de maio. Saldanha foi quem discursou em nome do Cebrade.

Em janeiro de 1985, o candidato da oposição liberal, Tancredo Neves (PMDB-PFL), derrotou Paulo Maluf (PDS) no Colégio Eleitoral. Em fins de maio, Saldanha foi sondado pelo Comitê Central para se candidatar a vice-prefeito do Rio de Janeiro. Dois meses antes, ele coordenara um ato pela legalidade do PCB, na capital paulista (SALDANHA 1987). A possibilidade de uma atuação aberta do PCB abriu-se no princípio de maio. Aceitou ser vice de Marcelo Cerqueira (PSB). Muitos o preferiam na cabeça da chapa, mas ele já não tinha boa saúde. Saldanha contribuiu para a obtenção de uma expressiva votação da Frente Democrática Rio (PSB-PCB-PC do B): pouco mais de 188 mil votos, ou 6,97% (SALDANHA, 1987).

VIDA NÃO SEGUE MAIS: O FIM DE JOÃO SALDANHA

Em toda a sua carreira jornalística, Saldanha jamais adotou uma postura de neutralidade. Tão inutilmente buscada por alguns jornalistas, ele sempre defendeu o seu ponto de vista e explicitava claramente o seu posicionamento. Por isso mesmo deixava muito claro que o sucesso do selecionado brasileiro estaria sempre intimamente ligado à prática, até às últimas consequências, do futebol-arte e que, mesmo sendo derrotada, a Seleção Brasileira continuaria a ser uma

das melhores do mundo.

Só uma coisa me preocupa logo após a Copa de 82: os destinos do futebol brasileiro. Tenho posição definida sobre o nosso futebol com vitória ou com derrota. Para mim, é o mesmo. A vitória ocasionará, por certo, uma grande euforia, mas nosso futebol não vai mudar e continuará a ser um dos melhores do mundo. Ganhe ou perca. Claro que em caso de derrota haverá uma certa recessão, mas depois a coisa volta a seu lugar. (AGOSTINO, 2002, p. 54)

Saldanha foi um verdadeiro amante do futebol. Em 1990, ano da Copa do Mundo da Itália, ele estava com a saúde bastante fragilizada, passou inclusive o mês de maio internado, com graves problemas respiratórios, no Hospital São Lucas, Rio de Janeiro. Porém, apesar dos apelos dos médicos, amigos e da sua quinta mulher, insistiu que iria para a Itália assistir e acompanhar mais uma Copa do Mundo. Assim o fez.

Nessa Copa, viu a Seleção Brasileira, jogando em um estilo europeu, ser eliminada ainda na segunda fase da competição pelos argentinos, conduzida em campo pelo genial Diego Armando Maradona. Saldanha, apesar dos problemas de saúde, mesmo no sacrifício, ainda comentou alguns jogos e participou de algumas mesas-redondas. Porém, sua estadia na Itália foi bastante dolorosa. O próprio esforço da viagem fez com que agravasse sua situação respiratória (enfisema causada por uma vida de fumante) (MANNARINO, 2006) e ele acabou tendo que ficar sob os cuidados do médico Franco Sebastiani, um jovem especialista em doenças respiratórias. Dias depois de iniciar o tratamento com o Dr. Sebastiani, a saúde de Saldanha apresentou melhoras consideráveis e ele voltou a se animar, discutir e até se indignar com a Seleção Brasileira.

Passou a datilografar pessoalmente a sua coluna diária para os jornais brasileiros e a participar dos programas da TV Manchete (onde trabalhava desde 1985), além de ser visto regularmente na International Broadcasting Center (centro de televisão que distribuía as imagens da copa para todo o mundo). Em 3 de julho, Saldanha completou 73 anos e além de ter participado da longa transmissão do jogo Argentina contra Itália, ainda esteve presente da mesa-redonda que discutiu o aquele jogo. Saldanha parecia aparentemente recuperado, inclusive ele e os seus colegas da Manchete festejaram a data com um bolo de aniversário. Em 4 de julho, acordou extremamente cansado e nem mesmo se levantou da cama e, no dia 5 de julho, teve que ser, mais uma e pela última vez, internado na UTI do Hospital Santo Eugenio, em Roma, vindo a falecer na noite de 12 de julho de 1990 (MANNARINO, 2006).

É possível que a paixão pelo futebol, mais que o edema, tenha matado João Saldanha na noite romana de 12 de julho de 1990. Não há como calcular o quanto, mais ele teria vivido se tivesse poupado da viagem à Itália. Mas é certo que enfrentaria infeliz, triste, frustrado, como um soldado vencido, os dias que lhes restasse. Para ele, era vital presenciar sua décima quarta Copa do Mundo. A final da Copa de 90 foi disputada entre Alemanha e Argentina, a mesma de 1986 e foi, pela primeira vez nas histórias das Copas do Mundo, que uma final se repetiria e ainda de maneira consecutiva. Porém, em 90 a sorte mudou de lado e a Alemanha acabou por se sagrar campeã do mundo ao derrotar o selecionado platino com um gol de pênalti aos 34 minutos do segundo tempo, convertido por Brehme. Cabe ainda ressaltar que o técnico alemão, Franz Beckenbauer, igualou naquele momento um feito do

brasileiro Zagallo, ter sido campeão do mundo como jogador e como técnico.

IV CONCLUSÃO

Ao longo do texto, foi abordado o futebol como **A**contra hegemonia. Como vimos, o meio mais adequado para a sua compreensão é através da perspectiva da organização do consentimento. Trata-se do consentimento na sociedade civil, não apenas pelo funcionamento de instituições formais (sindicatos, escolas, jornais etc.) como também por intermédio das dimensões do imaginário e do inconsciente na vida social. Ou seja, toda a trajetória aqui contada sobre a vida de João Saldanha, desde seus embates pré-copa de 1970 até sua morte, conta a história de um tempo social antropológicamente conturbado, mas historicamente riquíssimo. A figura que se faz central no véu temporal abordado é encantadora e, por si só, um indivíduo criador.

A redução de indivíduos, potencialmente criadores, à condição de espectadores, realça a importância do mundo visual e sonoro, de outras formas da linguagem. O futebol inclui, na pauta do cotidiano da cultura, novas formas de linguagem: a oral, a escrita e a gestual. Porém, em sua prática a linguagem não verbal perpassa todas as demais. Pensado que quando na sociedade contemporânea quase tudo se reduz ao valor de troca, a guerra de posição adquire uma importância ainda maior na medida em que, diante das crises das utopias (socialismo real e neoliberalismo), vitórias parciais, grandes golpes e pequenas conquistas povoam o universo da política.

A ponte entre novas formas de cultura popular,

como foi o futebol no início do século XX no Brasil e ainda até hoje, tem, nos intelectuais orgânicos e narradores, pontos de convergência para outras formas de organização do consentimento. E, como visto, personagens do naipe de João Saldanha e, principalmente, os grandes solistas do futebol alcançam, através de suas atividades, este intento de abrir novos canais de diálogo político por meio do esporte.

Portanto, é possível associar que o principal motivo para a queda de Saldanha seja este: o futebol e seu potencial de realização e sedimentação da autoestima popular com a história e seu ensino, entendidos como instrumentos de controle social para os presidentes militares, não toleraria Saldanha no comando. Saldanha caiu porque não se omitiu. Saldanha caiu porque, além de comunista, era a representação equânime do que esperava o povo: liberdade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer. Futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/vencer-ou-morrer/>. Acesso em: 4 abr. 2018.

COSTA, Lamartine Pereira da. Atividade física no País é um fenômeno. Revista da PUC-RS, nº 129, maio/junho de 2006. Disponível em: <https://bitlybr.com/XO2iiK>. Acesso em: 13 set. 2019.

FIGUEIREDO, Carlos. A miopia de Pelé. O Globo. Acervo do jornal “O Globo”. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso: 30 maio 2019.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSAWM, Eric. Mundos do Trabalho; Trabalhadores; Pessoas Extraordinárias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODRIGUES, Nelson. À Sombra das Chuteiras Imortais. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SALDANHA, João. A fala do ministro. Jornal Última Hora. 1966. Acervo do arquivo público do estado de São Paulo. Disponível em: <https://bitlybr.com/3rWwK8>. Acesso em: 28 maio 2018.

SALDANHA, João. A missa do mês. Jornal Última Hora. 1970. Acervo do arquivo público do estado de São Paulo. Disponível em: <https://bitlybr.com/3rWwK8>. Acesso em: 28 maio 2018.

SALDANHA, João. Os subterrâneos do futebol. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. Disponível em: <https://bitlybr.com/fyGo>. Acesso em: 14 out. 2018.

SALDANHA, João. Meus amigos. Rio de Janeiro: Mitavaí, 1987. Disponível em: <https://bitlybr.com/fyGo>. Acesso em: 14 out. 2018.

SALDANHA, João. Programa Roda Viva (TV Cultura) – Entrevista de João Saldanha, 1988. Disponível em: <https://bitlybr.com/6Gfl>. Acesso: 1 ago. 2019.

SILVA, Carlos Miguel. Saldanha em jogo. Jornal Última Hora. Acervo do arquivo público do estado de São Paulo. Disponível em: <https://bitlybr.com/3rWwK8>. Acesso em: 28 maio 2018.

THORMES, Jacinto de. Os desafios de Saldanha e suas feras. Jornal Última Hora. Acervo do arquivo público do estado de São Paulo. Disponível em: <https://bitlybr.com/3rWwK8>. Acesso em: 28 maio 2018.

Marcelo de Azevedo Zanotti



Marcelo de Azevedo Zanotti é graduando em História e em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Foi orientando das professoras Eloísa Capovilla (*in memoriam*) e Marluza Marques Harres. Trabalha com história do Brasil República, focando na segunda metade do século XX. Participou do Congresso Internacional de Direitos Humanos e Fundamentais apresentando o trabalho sobre João Saldanha. É membro da equipe do Instituto Humanitas Unisinos – IHU desde agosto de 2022.

REPORTAGENS DE MARCELO DE AZEVEDO ZANOTTI PUBLICADAS NO IHU

- [Inezita Barroso e o 20 de setembro: Quanta saudade você me traz](#)
- [Eleições 2022, 2º turno: A volta dos que não foram. Artigo de Marcelo Zanotti](#)
- [Eleições 2022, 2º turno: A volta dos que não foram - Parte 2 - eles voltaram. Artigo de Marcelo Zanotti](#)
- [Eleições 2022, 2º turno: A volta dos que não foram - Parte 3 \[final\] - O nazifascismo gaúcho na ótica da história. Artigo de Marcelo Zanotti](#)
- [Bolsonarismo e caipira: duas coisas que não combinam. Artigo de Marcelo Zanotti](#)
- [Cada um tem o descendente que merece. Ar-](#)



tigo de Marcelo Zanotti

- Pautas de brasilidade: Gal Costa e Rolando Boldrin
- Pautas de brasilidade: Brigas na MPB
- Black Face à brasileira
- Pautas de brasilidade: Erasmo, muito além dos Carlos
- Pautas de brasilidade: Quem canta reza duas vezes
- Pautas de brasilidade: Toada histórica e samba de breque
- Pautas de brasilidade especial: Guardem meu lugar no asilo



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaña
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henriques Costa

 UNISINOS